Dia 16 — São Marcelo, Papa e Mártir

São Marcelo, papa e mártir, cuja memória celebra hoje a santa Igreja, nasceu em Roma por volta da metade do século III. Como já florescia naquela cidade a religião cristã, apesar das horríveis perseguições dos imperadores pagãos, teve Marcelo a felicidade de ser criado e educado no seio da santa Igreja. Abraçou o estado eclesiástico; e São Marcelino, que ocupava então a cadeira de São Pedro, conhecendo seu extraordinário mérito e sua eminente virtude, fê-lo presbítero da Igreja de Roma.

Por esse tempo, tendo sido criados imperadores Diocleciano e Maximiano, moveram aquela cruel perseguição contra os cristãos, que foi a nona desde o império de Nero, a que fez derramar tanto sangue de mártires e encheu de luto toda a Igreja. Tendo sido coroado do martírio São Marcelino no ano de 304, vagou a cadeira de São Pedro por cerca de três anos. O furor da perseguição não deixava liberdade aos cristãos para se reunirem e proceder à eleição do novo papa; mas, tendo-se mitigado um pouco pela renúncia que fizeram do império Diocleciano e Maximiano, foi eleito papa São Marcelo, sendo o 31.º depois de São Pedro, no ano de 307.

Mal se viu elevado a essa suprema dignidade, aplicou-se a restabelecer a disciplina, que com as perturbações precedentes se havia ao que parece alterado um pouco, e dedicou-se a reparar as perdas que podia ter sofrido a Igreja durante tão longa e tão cruel perseguição.

Diocleciano e Maximiano haviam renunciado ao império em favor de Galério e de Constâncio, pai do grande Constantino. Mas, tendo este morrido em York e achando-se então em Roma Maxêncio, filho do velho Maximiano, julgou que podia ser essa ocasião muito oportuna para fazer-se imperador; e com efeito tomou o título de tal. Como os cristãos eram já poderosos em Roma, afetou fazer-se cristão para atraí-los a seu partido e para lisonjear o povo romano. Com isso cessou a perseguição, e por alguns meses gozaram de paz os fiéis.

Procurou São Marcelo aproveitar esse intervalo de tranquilidade para estabelecer algumas constituições salutares e para remediar alguns abusos que se haviam introduzido.

Instituiu em Roma vinte e cinco títulos ou paróquias para batizar os que se convertessem à fé, para receber a penitência dos pecadores e para sepultar com maior decência os corpos dos santos mártires, em que havia havido muito descuido, e procurou com o maior desvelo recolher as santas relíquias.

Já Santo Evaristo, sexto sucessor de São Pedro, havia assinalado aos presbíteros os bairros ou quarteirões da cidade que haviam de estar a seu cargo. Santo Higino, cinquenta e cinco anos

depois, havia aumentado o número, e São Marcelo o determinou ao número fixo de vinte e cinco paróquias. Administravam-se nelas os sacramentos, distribuía-se aos fiéis a palavra de Deus e celebravam-se os divinos mistérios. Desde então começou-se a chamar presbítero cardeal o presbítero principal que tinha a seu cargo as paróquias, como quem era o quício sobre o qual se movia o cuidado espiritual da paróquia; e isso é o que hoje significa o título dessas igrejas que tem cada cardeal.

O zelo da disciplina eclesiástica irritou os ânimos e ocasionou ao santo pontífice crescidas mortificações. A maior parte dos que haviam fraquejado na última perseguição queriam ser reconciliados com a Igreja quase sem receber nenhuma penitência. Muitos dos que por seu ministério deviam reconciliá-los concediam-lhes a absolvição com demasiada facilidade e acusavam o rigor do santo como inoportuno e excessivo. Essa diversidade de pareceres causou inquietude e divisão; e Maxêncio, que depois da vitória conseguida contra Severo já não contemplava os cristãos, tomou daí ocasião para renovar a perseguição contra a Igreja.

Mandou vir diante de si São Marcelo e quis obrigá-lo a renunciar à fé e a sacrificar aos ídolos. A resolução e a constância do santo pontífice o assombraram. Empregou todos os artifícios que pôde para derrubá-lo: doçura, severidade, promessas, ameaças, suplícios. Sendo tudo inútil, mandou despedaçá-lo com cruéis açoites e, por uma espécie refinada de crueldade, condenou-o a servir nas cavalariças públicas, parecendo-lhe que, para um sumo pontífice dos cristãos, não seria a morte suplício tão duro como obrigá-lo a passar seus dias num exercício tão penoso e tão desprezível.

Mas o santo papa nunca pareceu tão grande como quando se viu feito moço de cavalos por amor de Jesus Cristo. Privado de todo socorro humano num lugar tão indigno, pior alimentado que as próprias bestas de carga que tinha a seu cuidado, coberto de uns asquerosos andrajos e reduzido a dormir sobre a terra nua, cem vezes ao dia dava graças ao Senhor pela mercê que lhe fazia, tendo-se por feliz em imitar de alguma maneira sua paixão e seus desprezos.

Os fiéis concorriam de todas as partes para admirar seu santo pastor, e ele os animava com seus discursos, os cativava com sua doçura e os instruía com suas palavras e com seus exemplos.

Nove meses havia vivido São Marcelo naquele estado tão indigno de sua pessoa quando os principais do clero romano acharam meio de libertá-lo. Tiraram-no numa noite e conduziram-no à casa de uma santa viúva chamada Lucina que, tendo sido exemplo de senhoras cristãs nos quinze anos que viveu com seu marido, havia dezenove anos era modelo de todas as virtudes no estado de viúva.

Recebeu Lucina em sua casa o santo pontífice com suma alegria; e, como os fiéis de todas as partes concorressem secretamente a ela, suplicou a São Marcelo que a consagrasse em igreja. Deu-lhe o santo esse gosto, e depois se chamou São Marcelo, e hoje é título de cardeal.

Mal foi consagrada essa nova igreja, os cristãos acudiam a ela em bandos todos os dias. O santo pontífice celebrava os divinos mistérios, repartia aos fiéis a palavra de Deus e passava as noites em oração e em vigílias. Não durou muito essa calma, porque se excitou logo uma nova tormenta que tudo pôs em confusão e causou grandes estragos.

Informado Maxêncio do que se passava, entrou em furiosa cólera contra os cristãos. Duvidou por algum breve rato se tiraria a vida a São Marcelo; mas julgou que seria mais rigoroso castigo para os cristãos converter essa nova igreja em novas cavalariças públicas e condenar o santo pontífice a que passasse seus dias na última miséria, cuidando das bestas mais vis; o que no mesmo instante se pôs em execução.

A honra de padecer por amor de Jesus Cristo cumulava São Marcelo de alegria; mas a dor de ver profanado aquele sagrado lugar servia-lhe de intolerável suplício. Mas era preciso sofrer esse tormento, e todo o seu consolo era regar com suas fervorosas lágrimas um lugar que quisera poder purificar com a efusão de seu sangue.

Embora o santo pastor estivesse tão maltratado, nem por isso esquecia suas ovelhas. Tem-se por certo que neste mesmo tempo, e em meio a seus trabalhos, escreveu duas epístolas: uma dirigida aos bispos da província de Antioquia, exortando-os a conservar com cuidado e com fidelidade o depósito da fé que haviam recebido de São Pedro e dos outros apóstolos, não sofrendo jamais que alguma doutrina estranha se misturasse nem se intrometesse a alterar sua pureza. A outra epístola dirigia-se ao tirano Maxêncio, a quem representa o dano que faz a sua alma perseguindo a religião cristã, que havia dado mostras de abraçar, e o exorta a abrir os olhos à verdade, renunciando ao culto dos ídolos.

Pouco tempo depois, consumido de trabalhos e de misérias, nosso santo, por amor de Jesus Cristo, terminou seu martírio por volta do fim do ano 309. Achou-se seu corpo coberto de um cilício e, retirando-o daquele lugar imundo, foi sepultado no cemitério de Priscila, onde se conservou até o tempo do papa São Martinho, em que parte de suas relíquias foi trasladada à Flandres e colocada no mosteiro de Hautmont, perto de Maubeuge, outra parte em Cluny, e as restantes se conservam hoje em Roma, na igreja de São Marcelo.

Martirológio Romano

Em Roma, sobre a via Salária, São Marcelo, papa e mártir, que, por ter confessado a fé católica, foi primeiramente espancado com varas por ordem do tirano Maxêncio e depois enviado, sob boa guarda, a limpar as bestas de carga. Morreu nessa penosa função, revestido de um cilício.

No Marrocos, na África, o martírio dos santos Berardo, Pedro, Acúrsio, Adjuto e Otão, religiosos da ordem de São Francisco.

Em Arles, São Honorato, bispo e confessor, ilustre durante sua vida por sua ciência e seus milagres.

Em Oderzo (povoado da Marca Trevisana, na Itália), São Ticiano, bispo e confessor.

Em Rinocolura (hoje Faramida), no Egito, São Melas, bispo, que morreu em paz sob o imperador Valente, depois de ter sofrido o desterro e outras penas pela fé católica.

Em Fondi, na Campânia, São Honorato, abade, de quem faz menção o papa São Gregório.

Em Péronne, São Fursa, confessor.

Em Roma, Santa Priscila, que consagrou seus bens e sua pessoa ao serviço dos mártires.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Preces populi tui, quæsumus, Domine, clementer exaudi: ut beati Marcelli martyris tui atque pontificis meritis adjuvemur, cujus passione lætamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que vos digneis ouvir misericordiosamente as orações de vosso povo, para que sejamos ajudados pelos merecimentos do bem-aventurado pontífice Marcelo, vosso mártir, de cuja paixão nos alegramos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é da segunda do apóstolo São Paulo aos Coríntios, capítulo 1.

2 Coríntios 1,3-7

> **Latim:** 3 Benedictus Deus et Pater Domini nostri Jesu Christi, Pater misericordiarum, et Deus totius consolationis, 4 qui consolatur nos in omni tribulatione nostra : ut possimus et ipsi consolari eos qui in omni pressura sunt, per exhortationem, qua exhortamur et ipsi a Deo. 5 Quoniam sicut abundant passiones Christi in nobis : ita et per Christum abundat consolatio nostra. 6 Sive autem tribulamur pro vestra exhortatione et salute, sive consolamur pro vestra consolatione, sive exhortamur pro vestra exhortatione et salute, quæ operatur tolerantiam earumdem passionum, quas et nos patimur : 7 ut spes nostra firma sit pro vobis : scientes quod sicut socii passionum estis, sic eritis et consolationis.

Português: [3] Bemdito seja o Deos, e Pai de nosso Senhor Jesu Christo, Pai de misericordias, e Deos de toda a consolação, [4] o qual nos consola em toda a nossa tribulação: para que possamos tambem nós mesmos consolar aos que estão em toda a angústia, pelo conforto, com que tambem nós somos confortados de Deos. [5] Porque á medida que em nós crescem as penas de Christo: crescem tambem por Christo as nossas consolações. [6] Porque se somos atribulados, para vossa exhortação he e salvação, se somos consolados, para vossa consolação he, se somos confortados, para vosso conforto he e salvação, a qual obra o sofrimento das mesmas afflictões, que nós tambem sofremos: [7] para que seja firme a nossa esperança por vós: estando certos, que assim como sois companheiros nas afflictões, assim o sereis tambem na consolação.

Nota

« Achava-se na Macedônia São Paulo quando Tito veio buscá-lo e referiu-lhe quão bem os coríntios haviam recebido a carta que lhes havia escrito e o grande fruto que havia feito com ela, assegurando-lhe que se havia recolhido muita esmola para os cristãos da Judeia. Isso o obrigou a escrever-lhes esta segunda carta, na qual, depois de perdoar o incestuoso, como eles lho haviam suplicado, os exorta a que se guardem dos falsos apóstolos, que procuravam desacreditá-lo no espírito da gente simples e ingênua, com o fim de destruir a fé de Jesus Cristo que ele lhes havia pregado. Escreveu-se esta segunda carta no ano 57 de Jesus Cristo. »

Reflexões

O Pai das misericórdias, o Deus de todo consolo é nosso pai. E, com tudo isso, há homens miseráveis entre os cristãos! Isso parece paradoxo, e com efeito o é. Há misérias, há trabalhos, há adversidades na terra, é verdade; as cruzes, os espinhos nascem, digamos assim, debaixo de nossos pés; vivemos na região das lágrimas. Mas se o Deus de todo consolo se obriga a consolar-nos em todas as tribulações da vida, quem pode ter lástima de nós? Ignorará, porventura, o modo de consolar-nos? Faltar-lhe-á o poder, ou se poderá recear que se esqueça de sua palavra? Aos olhos de tal pai, que coisa nos pode faltar ou de que temos que temer? Pode um cristão não viver consolado em seus trabalhos? As doçuras espirituais inundam a torrentes as almas dos fiéis. Mas é preciso ser verdadeiramente fiéis para saborear essas doçuras.

Foi infeliz, foi desgraçado o filho pródigo, é verdade; mas o foi quando estava fora da casa de seu pai. Perecia de fome; mas era quando se achava em país estranho. Viu-se reduzido à última miséria; mas foi depois de ter-se abandonado às maiores desordens. Volta de seus desvarios e logo esquece suas misérias. Não pode ser miserável quem tem por pai o Deus de toda consolação; mas é preciso não degenerar, é preciso viver como filho de tal pai, é preciso que um pai tão bom nos reconheça por seus filhos.

Quanto mais parte tivermos na paixão de Jesus Cristo, diz o Apóstolo, mais parte teremos nos consolos que nos virão pelo mesmo Jesus Cristo. Muitos querem seguir o Salvador sem ter parte em seus tormentos; pois que muito que não a tenham em seus consolos? Para ter parte nas dores de Jesus Cristo é preciso que Jesus Cristo a tenha nas nossas, quero dizer, é preciso sofrê-las segundo o espírito e por amor de Jesus Cristo. Os felizes do século são objetos de inveja para os que têm fé? O mesmo padecer sem consolo é grande doçura quando se padece para satisfazer à divina justiça por tão grande número de pecados e para imitar e seguir Jesus Cristo, que tanto padeceu por nós. Uma alma justa, em sua mesma confiança e em seu mesmo amor de Deus, encontra um fundo de doçura e consolo que jamais se esgota.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São Mateus.

Mateus 16,24-27

> **Latim:** 24 Tunc Jesus dixit discipulis suis : Si quis vult post me venire, abneget semetipsum, et tollat crucem suam, et sequatur me. 25 Qui enim voluerit animam suam salvam facere, perdet eam : qui autem perdiderit animam suam propter me, inveniet eam. 26 Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur ? aut quam dabit homo commutationem pro anima sua ? 27 Filius enim hominis venturus est in gloria Patris sui cum angelis suis : et tunc reddet unicuique secundum opera ejus.

Português: 24 Então disse Jesus aos seus discípulos : Se algum quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. 25 Porque o que quizer salvar a sua alma, perdella-ha: e o que perder a sua alma por amor de mim, achalla-ha. 26 Porque, de que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma? Ou que comutação fará o homem para recobrar a sua alma? 27 Porque o Filho do homem ha de vir na gloria de seu Pai com os seus anjos: e então dará a cada hum a paga segundo as suas obras.

Meditação

Da importância da salvação eterna

Primeiro ponto

Considera se tens algum outro negócio de maior importância, se o tens de tanta consequência, ou se podes ter jamais negócio que interesse tanto como o de tua salvação.

Não se trata agora de perder ou ganhar uma demanda em que se atravesse toda a tua fazenda. Tampouco se trata de ser ou não feliz por toda a vida. Na verdade este seria um ponto de grande interesse para ti; mas não seria de uma consequência infinita. Ser em tudo desgraçado, padecer trabalhos até a morte, na realidade não seria pequena desdita; mas ao cabo poderia ter algum remédio. Mas agora se trata de uma felicidade ou de uma infelicidade eterna. Trata-se de possuir a Deus eternamente na ditosa morada dos bem-aventurados, ou de ser precipitado nos infernos, condenado sem remédio às chamas eternas. Disto se trata quando se fala do grande negócio da salvação. Pergunto: é de alguma consequência e merece nossa aplicação esse importante negócio?

Por fim o homem morre. Ah, e de que lhe servirá na hora da morte ter sido rico, poderoso, feliz, segundo a ideia dos homens do mundo? O homem morre; e com a morte tudo se perde, tudo se deixa. A vida mais feliz e mais longa naquela hora parece um sonho. O homem morre; e na morte, nobreza, dignidades, honras, tudo desaparece, todos são títulos vãos. E que começarei eu a ser depois da morte? Se sou santo, essa só qualidade me indeniza com vantagens da perda de todos os demais bens. Mas, se me condeno, se o inferno vai ser desde aquele ponto minha eterna habitação, quem me consolará na desgraça de minha triste sorte? Quem me indenizará de tão grande perda? De uma perda que é obra de minhas mãos, de uma perda sem remédio e sem consolo?

E depois disso se pensa no negócio da salvação tão a sangue-frio! E se deixa passar um dia inteiro sem pensar nesse negócio! E talvez façamos nós mesmos estas reflexões sem ser por isso mais sensatos?

Ó Deus, e como choro eu meu erro e minha cegueira! A maior parte de meus dias passou, e talvez não tenha dado princípio a trabalhar neste negócio. Mas que mereceria eu se adiar um só dia o trabalhar nele?

Segundo ponto

Considera de que servirá no estado presente aos condenados terem tido grandes rendas, terem desfrutado grandes títulos e terem possuído estados muito opulentos. Que equivalente pode ter o terem-se perdido para sempre? Eu perdi o céu, eu perdi a Deus; logo, tudo se perdeu para mim, e se perdeu tudo sem remédio.

Ah, e quanto ganharam tantos milhões de mártires que perderam a vida por amor de Jesus Cristo! Um suplício de alguns momentos, no máximo de alguns dias; e, ainda quando se tivessem passado muitos anos nos maiores tormentos, as aflições do tempo presente não têm proporção com a glória futura. Pode jamais parecer muito custosa, pode comprar-se muito cara a felicidade que consiste na posse do próprio Deus? Ah, Senhor, e quão prudentes foram aqueles santos, aquelas pessoas penitentes e mortificadas que tudo sacrificaram para assegurar sua salvação! Grande à maneira do

mundo, homem ditoso à maneira do século, tuas máximas e tua conduta tocante ao negócio de tua salvação te acreditam de prudente?

Papa era São Marcelo e, depois de ter padecido um penoso desterro e muitos tormentos pela fé de Jesus Cristo, foi condenado a passar os dias de sua vida num estábulo fétido. Mas sonhou alguém em ter lástima de sua sorte? Encontra a glória do martírio naquela asquerosa prisão. Ah, que o perder a vida por Deus é achá-la com vantagens! Que pouca atenção merece seu mais sólido, seu verdadeiro interesse àquelas almas delicadas e mundanas que passam sua vida nos deleites!

O rico avarento é sepultado no inferno; o mendigo, o leproso Lázaro, passa do hospital à glória. Que alguém seja pobre, desconhecido, desprezado: se se salvou, fez sua fortuna. A salvação tudo supre, e sem a salvação a mais alta fortuna é nada.

Divino Salvador meu, muito te custei eu para que me deixes perder! Confesso com vivo pesar que o tenho bem merecido e que minha perda será talvez inevitável se desde este mesmo ponto não trabalho no negócio de minha salvação melhor do que trabalhei até aqui. Mas está feito, Senhor; tomei o meu partido. Desde este momento será minha salvação o objeto de todos os meus cuidados, de todos os meus desejos, de toda a minha aplicação. Este é o meu único negócio: não quero aplicar-me a outro de hoje em diante; porque, falando propriamente, tampouco tenho outro negócio que mais me importe; e assim este só há de levar todos os meus desvelos. *Porro unum est necessarium.*

Jaculatórias

> *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?* Mt 16.

De que me aproveitará ganhar o mundo inteiro, se eu me perco?

> *Quam dabit homo commutationem pro anima sua?* Mt 16.

Que equivalente pode haver que valha a salvação de minha alma?

Propósitos

1. Renova cada dia, ao levantar-te da cama, esta jaculatória e, quando vais empregar-te no que corresponde a teu ministério, quando começas alguma ação, quando dás princípio a alguma obra,

repete muitas vezes: *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?* De que me servirá tudo isto se não trabalho por minha salvação? Este é um exercício utilíssimo e muito conveniente a todo gênero de pessoas.

2. Impõe-te uma lei inviolável de praticar cada mês um dia de retiro. Não é mais que um só dia; e quem poderá racionalmente negar-se a dedicar um dia a cada mês ao importante negócio da salvação, quando ele só está pedindo de justiça que se dedique a ele toda a vida? Acha-se tanto lugar para os negócios temporais, para as diversões, para os amigos; e só há de faltar tempo para trabalhar na salvação da alma? Quase toda a vida se passa em ajustar contas, em examinar livros, em adiantar cabedais, em receber juros. Pois será muito empregar um dia a cada mês em repassar as contas que temos de dar a Deus, em examinar o estado de nossa consciência, o uso dos talentos que recebemos e em imaginar arbítrios para reparar as perdas espirituais que se fizeram? Pode-se dizer sem temeridade que deste importante exercício depende a perseverança e a salvação de muitos.

São Fulgêncio, Bispo e Confessor

São Fulgêncio, irmão de São Leandro, de Santo Isidoro e de Santa Florentina, nasceu em Cartagena pelos anos do Senhor de 564, governando a Igreja São João III e reinando na Espanha Atanagildo. Seu pai se chamou Severiano; o nome de sua mãe não está averiguado, pois o de Turtura, que lhe dão alguns, parece ser o nome não da mãe de São Fulgêncio, mas da abadessa que governava o mosteiro e instruía santamente a virgem Florentina. Eram gente nobre e principal, descendentes dos romanos; e ao lustre do sangue juntavam o de uma piedade tão acrisolada como manifesta a educação de seus filhos e o desterro que padeceram no tempo de Leovigildo, perseguidor dos católicos e protetor dos arianos. Criou-se Fulgêncio entre os trabalhos e adversidades de um cruel desterro; mas, como nelas sua mãe havia aberto mais os olhos para conhecer que nada há no mundo digno de preço senão a virtude, a qual permanece quando se perde a fortuna, inspirou no tenro coração de seu filho as sublimes ideias de piedade e de religião que os trabalhos lhe haviam ensinado.

Sendo ainda muito jovem, passaram seus pais a melhor vida, ficando o santo sob a tutela e direção de seu irmão Leandro, que cultivou seu talento, procurando que se instruísse em todo gênero de letras humanas e sagradas, no que saiu muito aproveitado. Era Fulgêncio de um natural dócil e capaz de tudo, de um gênio vivo e penetrante e, sobretudo, de uma bondade tão amável que admitia com facilidade os sábios documentos de seu irmão. Este chegou a formar tal conceito de sua virtude, de sua integridade e de seu desembaraço para qualquer gênero de negócios que, achando-se em Sevilha e considerando que ainda se poderiam pôr em boa ordem os bens de fortuna de que os havia privado o desterro, enviou-o a Cartagena sozinho, encarregado de negócios difíceis, atendidas as circunstâncias do tempo borrascoso. Como Fulgêncio era jovem e de dócil condição, temeu seu irmão que pudesse ser facilmente seduzido por outros jovens, que, entre as desordens da revolução e das armas, não podiam deixar de respirar um ar pestilento. Sempre teme o pior quem muito ama; e assim o manifestou São Leandro escrevendo a sua irmã Florentina: Triste de mim, dizia, triste de mim! que enviei inconsideradamente a Cartagena nosso

irmão Fulgêncio, cujos perigos me têm em contínuo sobressalto. Mas a virtude de nosso santo desvaneceu os temores de seu irmão mais velho, saindo vencedora dos perigos justamente temidos.

Voltou Fulgêncio a Sevilha e continuou de novo as instruções de Leandro, copiando em si fielmente os afetos de seu coração e bebendo seu espírito. Esse era um espírito de abnegação, de pobreza, de humildade e de retiro, como o manifestou entrando num mosteiro; e, embora Fulgêncio não o tenha seguido na determinação, não foi por falta de vontade própria, mas por fazer a de seu irmão mais velho e por conhecer que a verdadeira virtude não é privativa dos claustros nem está em desacordo com os que de verdade a buscam entre os inevitáveis afãs do mundo. Cuidava, não obstante, de não internar-se neles mais do que permitia sua obrigação e necessárias conexões, dedicando a Deus e ao estudo os pedaços mais preciosos de sua vida. Em qualquer parte encontram a Deus os que o buscam com desejos simples de encontrá-lo; em qualquer parte lavra sua santificação e seu mérito quem, dando ouvidos somente às vozes do Evangelho, o segue por norte, o imita como a modelo e o obedece como a lei e regra constante que assegura o acerto e a santidade das ações. Experimentou-se assim em nosso santo, a quem nem as contradições do mundo, nem a perseguição, nem o calamitoso do tempo para os fiéis verdadeiros puderam servir de impedimento em seus louváveis propósitos e religiosos exercícios. Consolava os aflitos, socorria os necessitados, instruía os ignorantes e sustentava os fracos: animado sempre do espírito e valor que dá a caridade verdadeira contra o vil temor que inspira o amor-próprio e até a virtude fingida.

Crescia por momentos sua fama seguindo os passos de sua virtude, e entre os católicos respeitava-se seu mérito como um dos mais destacados em piedade, literatura e fortaleza de ânimo, tão necessária num tempo em que a verdade tinha contra si declarado por inimigo o poder. Esse comum e bem formado conceito fez que, vagando a sé de Écija, o elegessem por seu bispo, e de fato foi consagrado antes do ano 610. Logo que se sentou na cátedra astigitana, começou a espalhar raios de luz e de doutrina à maneira de uma luzente tocha posta sobre o candelabro. Dedicou-se primeiramente a desterrar os abusos que se haviam introduzido na disciplina eclesiástica; e, como sabia que o primeiro móvel das ações do povo é a conduta dos eclesiásticos, velava incessantemente sobre seus costumes, reformando seus extravios, corrigindo seus erros e castigando com misericórdia os excessos imprescindíveis de uma natureza frágil e corrompida. Pouco teria isso aproveitado sem o exemplo e a prática do mesmo que ensinava e persuadia; porque, quando um prelado contradiz com seus costumes as leis, é muito difícil que seja obedecido, e muito mais que os inferiores não concebam em suas transgressões outros tantos salvo-condutos para dispensar-se da lei ou para transpassá-la. Mas, quando o superior é justo e irrepreensível, seu mesmo exemplo prega, persuade e corrige no segredo dos corações de seus súditos. Nada julgava Fulgêncio que lhe era permitido que não pudesse ser de exemplo e de proveito positivo a suas ovelhas. Recreações de ânimo estrepitosas, empregos diferentes do tempo, mostras exteriores de fausto e de poder que costumam adotar-se com pretextos especiosos de utilidade comum jamais puderam alcançar em Fulgêncio outro conceito que o de verdadeiros delitos.

Um pastor, um bispo que pensa com essa exatidão, é fácil de conhecer quanto amaria seus súditos e quantas vantagens alcançariam estes sob sua direção. Os pobres tinham em Fulgêncio um dispensador fiel de seu patrimônio; as viúvas, os órfãos, os pupilos não sentiam falta de seus

protetores, de seus pais e de seus esposos; nosso santo cuidava de todos como se não tivesse que cuidar mais que de um só; mas os empregos da caridade não diminuíam um ponto o zelo e a vigilância que devia a todas as hierarquias de sua diocese nem a sua própria santificação. Esta a promovia com contínua oração, com jejuns, vigílias e mortificações, zelando ao mesmo tempo a honra da casa de Deus e velando sobre a mais regrada disciplina. Havia-se introduzido em seu bispado a corruptela de ordenar diáconos os casados com mulheres viúvas, o que era contra todo direito e em conhecido agravo da severa disciplina que observava inviolavelmente a Igreja da Espanha. São Fulgêncio procurou cortar de raiz esse abuso e, governando então seu irmão Santo Isidoro a Bética, solicitou que se realizasse um concílio, que foi o segundo de Sevilha, no ano de 619, sétimo do reinado de Sisebuto. Neste concílio determinou-se que eram ilícitas as ordens conferidas a sujeitos que tivessem sido casados com viúvas e deviam ser privados do exercício de seus ministérios, sem que pudessem ser promovidos ao diaconado, como se diz em seu cânon quarto.

Não se limitou a isso só o zelo de Fulgêncio; os direitos da sé que ocupava olhava-os como uma das primeiras obrigações de seu cargo; e, embora o temor de ter que dar a Deus conta de todas as suas ovelhas o fizesse desejar a redução de seu número, o ter de ser igualmente responsável pela justa ordem e regradas hierarquias em que Jesus Cristo e seus apóstolos haviam distribuído a Igreja moveu-o a deduzir no concílio a contenda que se havia suscitado entre o santo e Honório, bispo de Córdoba. Este pretendia que certa paróquia pertencia à cidade Celticense e, por conseguinte, a seu bispado; e São Fulgêncio era de opinião contrária, julgando que a paróquia controvertida era jurisdição da cidade Reginense e, portanto, sujeita à sé astigitana. Decretou o concílio no cânon II que se nomeassem por ambas as partes sujeitos hábeis que demarcassem os limites antigos e se adjudicasse a paróquia àquele bispo dentro de cujo termo fosse assinalada; mas que, se, feita a demarcação, ficasse ambíguo o caso, devia tocar ao da posse tricenal. Neste cânon e em todo o resto do concílio vê-se a integridade e sabedoria dos ilustres padres que o formavam, entre os quais não foi o menor São Fulgêncio.

Já havia dado o santo, muito antes, provas convincentes de sua retidão no ato de firmar o decreto do rei Gundemaro, quando veio a Toledo assistir à exaltação deste príncipe ao trono. E assim não há virtude das que formam um prelado que não se admirasse em sua pessoa e o fizesse aclamar santo e perfeito.

Diz-se que escreveu muitos livros expositivos da Sagrada Escritura e outros para a instrução do povo: sua santidade e a sabedoria que é natural que recebesse de seu irmão São Leandro tornam isso crível, e muito mais; mas até agora não foi Deus servido de dar-nos o consolo de desvanecer as dúvidas que sobre este ponto deixou escritas um erudito agostiniano, com tão sólidos fundamentos que somente um feliz achado de seus escritos, entre tantos que jazem sepultados nos arquivos por uma desídia vergonhosa, poderá esclarecer e convencer a opinião desde o século XIII recebida. O que não tem dúvida é que, desejoso São Fulgêncio de que os eclesiásticos tivessem toda a instrução necessária das coisas pertencentes à Igreja, pediu a seu irmão Santo Isidoro, que naquele tempo vivia com grande fama de sábio, que escrevesse sobre a origem das coisas pertencentes aos ofícios eclesiásticos. O santo Doutor, acedendo à súplica de São Fulgêncio, escreveu dois livros sobre esse assunto, que são duas provas de sua profunda doutrina e um ornamento de nossa mãe a Igreja. Dedicou-os a São Fulgêncio e, no fim deles, pede-lhe que rogue

a Deus por ele, bem seguro da eficácia de suas orações.

Contente o santo por ter desterrado de sua diocese os abusos e reformado a disciplina, vendo propagada por todas as partes a instrução e a geral reforma de costumes, pensou em dedicar-se com mais tranquilidade a outros objetos que, embora igualmente merecedores dos cuidados do pastor que os já ditos, não haviam excitado sua solicitude por estarem resguardados da corrupção com seu mesmo retiro. Estes eram os mosteiros de religiosas, que com a direção de sua irmã haviam subido a um número prodigioso, contando-se mais de mil virgens sagradas, sujeitas ao magistério e obediência de Santa Florentina, embora em diferentes mosteiros. São Fulgêncio os olhava como depósitos da santidade e da inocência e ditosas moradas onde o Esposo celestial goza completamente suas inefáveis delícias. Visitava-os o santo, exortando com seus fervorosos conselhos e instruções à perseverança e ao espiritual aproveitamento em todas as virtudes. Como a um mesmo tempo se achava o santo bispo em Écija e sua irmã abadessa na mesma cidade, concorriam a obrigação pastoral e o natural afeto de irmão para tornar mais vivos seus regulares esforços pela observância, reformação e aumentos espirituais de todos os mosteiros. Jamais se viram mais florescentes aqueles vergéis de Jesus Cristo, nem mais fecundos em virtudes: jamais havia respirado a virgindade mais copiosamente o suave odor que enamora os céus e faz os homens igualarem-se aos anjos.

A pureza virginal simboliza-se numa delicada e bela rosa, que tanto dura sua formosura quanto a cercam e defendem os espinhos e quanto não se permite tocá-la por mão grosseira e vilã. Toda a natureza concorre para embelezá-la e fazê-la rainha das flores: a terra lhe fornece os sucos mais aromáticos; o céu, as cores mais vivas e deliciosas; e até o mesmo encolhimento que manifestam suas folhas ao salpicá-las a aurora com seu orvalho aumenta seu preço e seu valor. Todos os demais estados da Igreja os reputava Fulgêncio como cercados de árvores frutíferas, capazes de defender-se por si dos ímpetos de qualquer furacão, ainda que dignos da mais vigilante custódia; mas os mosteiros de virgens levavam sua atenção como sacrários dignos de guardar-se com o decoro e reverência que se fossem sacramentos instituídos por Jesus Cristo, como escrevia Santo Inácio a seu sucessor na sé de Antioquia. Na proporção dessas ideias era seu esmero, seu cuidado, sua vigilância, as máximas que lhes sugeria e a provisão de ministros que velassem em sua educação, em seu consolo e em sua custódia. Assim se viram florescer e aumentar-se diariamente aqueles depósitos de santidade, com grandes vantagens da religião e mérito de nosso santo, que fomentava de sua parte as intenções de sua irmã com todo o vigor que pode um bispo exato, zeloso, amável e justiceiro.

O peso contínuo de uma carga que não levava pela metade, mas sobre seus ombros, ia pouco a pouco debilitando suas forças e sua saúde; mas nem por isso deixava de suprir com seu espírito o que faltava às forças corporais. Pregava incessantemente, sendo suas palavras fogo vivo que acendia os peitos mais gelados e espada de dois gumes que dividia o espírito e transformava os corações. Sentia, contudo, que se lhe ia aproximando aquele dia feliz em que, livre dos laços da mortalidade, havia de reinar com Cristo. Esse pensamento estimulava seu fervor para empregar-se com mais continuação e afinco nos exercícios de piedade, que haviam sido o objeto de sua vida e de seu desinteresse. Multiplicou as esmolas, aumentou suas orações, avivou a pregação e parecia querer exceder-se a si mesma aquela alma grande, quando pressagiava tão de perto a coroa que a seus merecimentos estava reservada pelo justo Juiz. Da continuação em pregar, das penitências e

trabalhos padecidos no governo de seu rebanho resultou-lhe tal debilidade e falta de forças que aconteceu algumas vezes ficar desmaiado e como amortecido no próprio ato de dar o pasto espiritual a suas ovelhas. Esses acidentes e deliquios trouxeram-lhe finalmente a morte, de que eram precursores, e o santo deu seu espírito ao Criador com aquela tranquilidade e doçura que causa o testemunho da boa consciência, pelos anos do Senhor de 626.

Sua morte foi chorada universalmente por todos, como a de um benéfico e amoroso pai; e, ao tempo que as copiosas lágrimas publicavam o verdadeiro sentimento, consolavam-se os corações aflitos com a doce satisfação de aclamá-lo santo. Desde o ponto em que morreu foi venerado como tal, e essa só notícia que chegou fielmente até nós basta para recompensar as muitas que se perderam e cuja falta foi ocasião de escrever mil coisas deste santo prelado sem fundamentos tão sólidos como se poderia desejar.

O corpo de São Fulgêncio foi sepultado em Écija, onde se conservou com a maior veneração até a entrada dos mouros na Espanha. A fama de santidade e o culto que tinha comprova-se no fato de se terem trasladado suas relíquias naquela ocasião funesta. Os cristãos, logo que se viam ameaçados do terrível açoite, cuidavam principalmente de salvar os tesouros de sua piedade. O perder suas fazendas, seus lares, o solo pátrio, tudo olhavam com indiferença em comparação com as sagradas relíquias dos santos e imagens de Jesus e de Maria. Faziam suas fugas carregados com tão preciosos tesouros; e, quando voltavam os olhos chorosos para olhar a pátria que abandonavam, servia-lhes de consolo a certeza de que não ficavam aqueles despojos sagrados expostos à profanação dos bárbaros vencedores. Com essa piedade e esperança de melhor fortuna levaram o corpo de São Fulgêncio às montanhas de Guadalupe, onde o esconderam junto à nascente do rio deste nome e perto da vila de Berzocana. Reinando depois D. Afonso XII, foi Deus servido de manifestar esse tesouro, que foi colocado na dita vila, onde se manteve com muita veneração dos povos circunvizinhos. Cartagena, desejosa de possuir alguma parte das relíquias de São Fulgêncio e de sua santa irmã, implorou a piedade e o poder do senhor D. Filipe II, por cuja ordem se tiraram quatro ossos de Berzocana e, deixando dois no real mosteiro do Escorial, levaram outros dois os cônegos comissionados à igreja de Cartagena, onde são venerados com tanta devoção dos fiéis como merece a santidade de tão grande bispo e de uma virgem sábia que conservou sempre a lâmpada acesa com o azeite das boas obras. Sucedeu esta última trasladação no ano do Senhor de 1593.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Fulgentii Confessoris tui atque Pontificis solemnitate deferimus: et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis, ab omnibus nos absolve peccatis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ouvi, Senhor, as súplicas que vos fazemos na festividade de vosso confessor e pontífice São Fulgêncio; e, pois ele vos serviu dignamente, livrai-nos de todos os pecados em atenção a seus merecimentos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 7 de São Paulo aos Hebreus.

Hebreus 7,23-27

> **Latim:** 23 Et alii quidem plures facti sunt sacerdotes, idcirco quod morte prohiberentur permanere : 24 hic autem eo quod maneat in æternum, sempiternum habet sacerdotium. 25 Unde et salvare in perpetuum potest accedentes per semetipsum ad Deum : semper vivens ad interpellandum pro nobis. 26 Talis enim decebat ut nobis esset pontifex, sanctus, innocens, impollutus, segregatus a peccatoribus, et excelsior cælis factus : 27 qui non habet necessitatem quotidie, quemadmodum sacerdotes, prius pro suis delictis hostias offerre, deinde pro populi : hoc enim fecit semel, seipsum offerendo.

Português: 23 E na verdade os outros forão feitos sacerdotes em maior número, por quanto a morte não permittia que durassem: 24 mas este porque permanece para sempre, possue hum sacerdocio eterno. 25 E por isto póde salvar perpetuamente aos que por elle mesmo se chegão a Deos: vivendo sempre para interceder por nós. 26 Porque tal Pontífice convinha que nós tivessemos, santo, inocente, immaculado, segregado dos peccadores, e mais elevado que os ceos: 27 que não tem necessidade, como os outros sacerdotes, de offerecer todos os dias sacrificios, primeiramente pelos seus peccados, depois pelos do povo: porque isto o fez huma vez, offerecendo-se a si mesmo.

Reflexões

Jesus Cristo, como permanece eternamente, possui também um eterno sacerdócio. Somente para negociar-te a salvação exerceu Jesus Cristo o ministério de seu sacerdócio. Na qualidade de sacerdote te ensina, e é também teu modelo. Ele é teu primeiro mestre em matéria de religião. Até que veio ao mundo Jesus Cristo, não se havia visto um doutor perfeito cujas doutrinas não se ressentissem da fraqueza e incerteza das luzes humanas. Os maiores sábios haviam chegado a conhecer certas verdades; mas, como as misturavam por outra parte com erros e delírios os mais grosseiros, davam bem a conhecer que ignoravam muitas outras. Quiseram prescrever regras de conduta e irritaram as paixões quando pensavam reprimi-las. Todos se contrariavam mutuamente em suas ideias e princípios: prova incontestável de sua comum ignorância, pois a verdade nunca

admite divisões nem partidos. Jesus Cristo reúne em sua pessoa uma sublimidade de luzes, uma extensão de conhecimentos e uma clareza em seus discursos que não se havia visto jamais. Livre dos prejuízos da paixão, estabelece princípios sólidos e prescreve regras invariáveis e seguras, próprias para todos em todos os estados e situações da vida. Jesus Cristo nos ensina as maiores, as mais altas verdades: o ser divino, sua verdade, suas perfeições, sua trindade e a igualdade das três pessoas em poder e em eternidade. Ensina-nos a conhecer seu Pai e o culto que lhe devemos. Manifesta-se a si mesmo e torna-nos palpável a necessidade que tínhamos de sua vinda. Por sua doutrina conhecemos todos os nossos males, sua origem, nossa natural impotência para sarar deles e a fonte única de onde deve vir-nos o remédio. Houve filósofos que condenaram a usurpação do alheio, a violência e a ira contra os demais homens; mas que filósofo havia condenado o orgulho, o amor-próprio, o ódio e mesmo a vingança contra um inimigo, até que veio Jesus Cristo? Quem senão Jesus Cristo pôde ensinar ao homem a temer as honras, a desprezar os elogios, a ter por bens os tormentos e a ter por crime um só desejo, um pensamento contrário à inocência? Contudo, haverá muito poucos que não estejam intimamente persuadidos da sublimidade desta doutrina; mas são muitos os que a praticam?

Se Jesus Cristo não tivesse feito mais que propô-la, sem tê-la sustentado com seu exemplo, isso seria mostrar-nos o caminho sem andá-lo, mas não no-lo teria deixado tão suave. Este é o escolho em que tropeçaram todos os principais sectários. Doutores sublimes em suas palavras e infiéis prevaricadores em suas obras; muito elevados em seus discursos e abatidos em suas ações; panegiristas perpétuos da sabedoria e inimigos declarados da sólida virtude. Examine-se, pelo contrário, a conduta de Jesus Cristo e ver-se-á uma concórdia admirável entre suas máximas e suas operações. Despreza as riquezas, recusa as honras, separa-se do mundo, renuncia aos prazeres, deseja os tormentos, compadece-se dos pecadores, sujeita-se aos soberanos, obedece a seu Pai: oração, zelo santo, humildade, temperança, tudo isso se manifesta exatamente no curso de sua vida. Facilmente se reconhecem todas essas virtudes na conduta de Jesus Cristo; mas, embora não as praticasse senão para dar-nos exemplo e cumprir a vontade de seu eterno Pai, que no-lo enviou por mestre, são tantos os que o imitam quantos os que se prezam de ser e chamar-se seus discípulos?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São Mateus.

Mateus 5,13-19

> **Latim:** [13] Vos estis sal terræ. Quod si sal evanuerit, in quo salietur ? ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus. [14] Vos estis lux mundi. Non potest civitas abscondi supra montem posita, [15] neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt. [16] Sic luceat lux vestra coram hominibus : ut videant opera

> vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est. [17] Nolite putare quoniam veni solvere legem aut prophetas : non veni solvere, sed adimplere. [18] Amen quippe dico vobis, donec transeat cælum et terra, jota unum aut unus apex non præteribit a lege, donec omnia fiant. [19] Qui ergo solverit unum de mandatis istis minimis, et docuerit sic homines, minimus vocabitur in regno cælorum : qui autem fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno cælorum.

Português: [13] Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra cousa se ha de salgar? para nenhuma cousa mais fica servindo, senão para se lançar fóra, e ser pisado dos homens. [14] Vós sois a luz do mundo. Não póde esconder-se huma cidade, que está situada sobre hum monte. [15] Nem os que accendem huma luzerna, a mettem debaixo do alqueire, mas põe-a sobre o candieiro, a fim de que ella dé luz a todos os que estão na casa. [16] Assim luza a vossa luz diante dos homens: que elles vejão as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos ceos. [17] Não julgueis que vim destruir a lei, ou os profetas: não vim a destruïlos, mas sim a dar-lhes cumpri mento. [18] Porque em verdade vos affirmo, que em quanto não passar o ceo e a terra, não passará da lei hum só i, ou hum til, sem que tudo seja cumprido. [19] Aquelle pois, que quebrar hum d'estes mínimos mandamentos, e que ensinar assim aos homens, será chamado mui pequeno no reino dos ceos: mas o que os guardar, e ensinar a guardallos, esse será reputado grande no reino dos ceos.

Meditação

Da falta de correspondência às inspirações divinas

Primeiro ponto

Considera que quase não há homem que não corra ansioso atrás das honras, das riquezas e das conveniências que se lhe oferecem no mundo, sendo assim que, por pouco que reflita sobre elas, não pode deixar de conhecer sua vaidade e insubsistência. Qualquer um que pretende uma dignidade, um emprego, um posto honorífico sabe com evidência que o há de perder algum dia, assim como vê que o perderam aqueles que o obtiveram anteriormente. Apesar desse conhecimento, põe-se tanta atenção e são tais as diligências que se fazem para consegui-lo como se disso dependesse inteiramente a eterna felicidade. Não sucede assim com os bens que nos oferece Deus por meio de suas santas inspirações: esses são imutáveis, hão de durar para sempre, estamos seguros de não os perder enquanto livremente não queiramos despojar-nos deles; não nos custa o consegui-los mais que o desejá-los e pedi-los; e, com tudo isso, necessita Deus chamar, rogar, convidar, solicitar e bater às portas de nosso coração para que os recebamos, como se nisso lhe fizéssemos um grande serviço. Que loucura!

Duvidarás, acaso, da sincera vontade com que Deus quer a tua salvação? Ah! O mesmo Deus se explica neste ponto com palavras tão terminantes e tão claras que não admitem a menor dúvida. Não quero a morte do pecador, diz-te, mas que se converta e viva. É impossível que te salves sem crer que Deus quer salvar-te. Deus te manda esperar tudo de sua misericórdia, e não é outra coisa esperar nele que esperar sua glória e a bem-aventurança que te tem preparada. De maneira que, enquanto vives, nunca deves crer formalmente que és do número dos réprobos. Isso seria renunciar à esperança que Deus te manda pôr nele; e, por conseguinte, seria o delito mais horrendo, ou melhor dizendo, o cúmulo de todos eles. Para que, pois, te mandaria Deus que esperasses nele, se, sabendo melhor que tu mesmo toda a tua fraqueza, não te proporcionasse os meios de alcançar o que te manda esperar? Quantas vezes, ao ouvir ou ler as admiráveis virtudes dos santos, acendeste-te numa santa inveja de imitá-los, esperando participar algum dia do prêmio que eles gozam? Quantas vezes, no mais grave de uma enfermidade, desgostaste-te da vida e chegaste a conhecer por experiência própria a vaidade de todo o terreno? Todos os infortúnios, todas as desgraças, ou tuas ou alheias, são outros tantos golpes com que Deus bate às portas de teu coração para convencer teu entendimento e persuadir-te de que só deves apetecer os bens que se possuem sem susto e se gozam para sempre. Os exemplos que advertes nos virtuosos e verdadeiros devotos, os sermões, os livros de piedade e, numa palavra, tudo quanto de bom praticaram os justos são outras tantas vozes com que te chama Deus para que o sigas e correspondas a seus desígnios. Põe depois os olhos no imenso amor com que Jesus Cristo quis merecer-te todos os auxílios necessários e superabundantes para a tua salvação; o infinito preço de seu sangue derramado por ti; e isso com tanto amor, com tanta liberalidade como se não houvesse coisa de mais valor nos céus nem na terra que tu. Podes imaginar um homem que se interesse tanto pelo bem de outro como se interessa por ti teu Redentor e teu Deus? Causa admiração que, crendo-se e experimentando-se cada dia os inumeráveis benefícios com que Deus nos chama a si, não corramos apressados a unir-nos com ele e a fazer dele o único objeto de nossos desejos e prazeres.

Segundo ponto

Considera que, para corresponder às inspirações com que Deus te chama, é indispensável que te persuadas firmemente de que Deus quer salvar-te. Sem essa persuasão certa cairias infalivelmente no excesso daqueles de quem fala o Apóstolo, que, renunciando a toda esperança, se abandonam à corrupção de seus desejos. Com efeito, desde que chegues a duvidar da vontade de Deus em ordem à tua salvação, a tua se faz também incerta e duvidosa. Todo o teu fervor e zelo se apaga e se amortece: já não há penitência, já não há boas obras, porque não sabes se isso pode ou não contribuir para a tua salvação. Desde então ressuscitam todas as tuas paixões, e o pecado mais horrendo nada tem que te espante. Nenhuma força te farão as verdades mais terríveis da religião para te corrigir: os juízos de um Deus, suas vinganças, o próprio inferno não farão impressão alguma sobre ti. Poderás dizer: E que sei eu se evitarei esse inferno quando não sei que Deus queira salvar-me? Lembrar-te-ás da glória do céu, da felicidade dos santos e de suas recompensas eternas; e dirás: Que sei eu se essa glória foi feita para mim, pois não tenho provas de que Deus queira salvar-me? O mesmo poderás dizer da morte de Jesus Cristo, de seus méritos e do preço infinito de seu sangue; e com tão funestas disposições te verás obrigado a abandonar-te a teus caprichos e a seguir cegamente teu bom ou mau destino. E pode haver estado mais infeliz e

mais parecido com o inferno nesta vida?

Pelo contrário, quando podes contar seguramente com os desígnios da bondade de Deus para salvar-te; quando reflexionas que teu Deus te amou desde a eternidade, que te ama agora e que atende a todas as tuas necessidades; que te olha com a maior ternura, que te dá seus braços, te chama, te busca, te previne, te manifesta todos os seus caminhos e te oferece sinceramente todos os meios de salvar-te, não sentes dentro de ti mesmo um ânimo, um vigor forte para empreender tudo, para executar tudo por seu amor? Poderás então deixar de amar a um Deus que te amou desde o princípio, que te ama ainda e quer amar-te para sempre? Redobrarás então teus esforços, porque sabes que não hão de ser infrutuosos; aumentarás tuas virtudes e teus merecimentos, porque sabes que serves a um Senhor que tudo te há de premiar com abundância. Regularmente ama o homem quando conhece bem que é amado. Se chegas a conhecer até que ponto te ama Deus, tu o amarás em proporção; se o amas, cumpres toda a sua santa lei; e, se a cumpres, tens infalivelmente assegurada a tua salvação eterna.

Contudo, deves advertir que o Apóstolo te manda que obres tua salvação com medo e com temor. É verdade; mas deves tremer de ti mesmo; deves desconfiar, não de Deus, mas de ti mesmo; deves temer, não as disposições de Deus, mas as tuas. Deus é a própria bondade, e, se o experimentas severo e irritado contra ti, é porque tu lhe pões as armas nas mãos, porque te deixas vencer das paixões, porque fomentas dentro de ti mesmo essa rebelião contínua que faz a carne contra o espírito, porque queres conciliar Deus com Belial; por isso te falta muitas vezes a força necessária para resistir e vencer. Deves portar-te contigo mesmo como com um inimigo que tivesses sempre a teu lado e que não pensasse jamais senão nos meios de perder-te. Com quanto receio viverias! Que diligências não farias para precaver-te! Pois não creias que conservarás longo tempo a graça enquanto não aprendas a aborrecer-te e a combater contra ti mesmo. Por isso te diz Jesus Cristo que quem aborrece sua própria alma nesta vida a salvará para a eterna. Ó meu Deus! Será possível que, empenhando-vos por meu bem como se nisso consistisse vossa glória, tenha eu de ser tão ingrato que não vá atrás de vós e não siga vossas pisadas? Não permitais, Senhor, que eu me faça surdo a vossas divinas vozes. Soe vossa voz em meus ouvidos e enchei minha alma de vossa fortaleza, para que jamais resista a vossos chamamentos.

Jaculatórias

> *Ecce ego, quia vocasti me.* 1 Rs 3.

Eis-me aqui, Senhor, pois me chamastes.

> *Doce me facere voluntatem tuam; quia Deus meus es tu.* Sl 142.

Ensinai-me, Senhor, a fazer a vossa vontade, porque sois meu Deus.

Propósitos

1. Deus te pede uma vontade pronta e disposta para que, em qualquer tempo em que te chame, estejas resolvido a segui-lo. Quando os cuidados e os negócios do século têm ocupada toda a tua atenção, não é fácil que ouças as doces e suaves inspirações da graça. Seria necessária uma voz tão poderosa como a que derrubou Saulo para que a ouvisses; mas só raras vezes obra desse modo a divina graça. Aquela força irresistível com que triunfa às vezes de toda a repugnância que lhe opõe um coração inteiramente corrompido é um prodígio extraordinário que não entra no plano da ordinária economia da graça. É necessário que o coração esteja em silêncio e desembaraçado do tumulto das paixões para que possa perceber a suave voz que o chama, mas sem estrépito e sem ruído. Os bons desejos, os santos pensamentos e os exemplos de virtude que vires em teus próximos te servirão de estímulo para caminhar à perfeição, contanto que não os sufoques, cedendo a inclinações contrárias, ou fazendo-te do partido dos mundanos, que, por não se verem confundidos com os bons exemplos, os atribuem a ficção ou hipocrisia. Põe grande cuidado e resolve-te desde agora a não rejeitar qualquer pensamento que te pareça santo e a propósito para melhorar-te na virtude. Por não corresponder às primeiras inspirações da graça costuma Deus privar-nos de outras mais eficazes e maiores. Não esperes que Deus faça milagres extraordinários para converter-te: isso seria temeridade conhecida. Infinitas vezes te chama por secretas e interiores inspirações, por meio de seus ministros, pelos bons livros, pelas desgraças que vês e ouves cada dia e até pelos inumeráveis benefícios que te faz. E não será loucura extremada querer que entre em ti a graça fechando-lhe as portas por onde devia ter sua entrada? Se hás de dar estreita conta do dano que causares com teu mau exemplo, também te hão de pedir conta do pouco fruto que colhas do bom.

2. Deves pedir a Deus que te ilumine para conhecer e fazer o que mais for de seu agrado. É este um exercício tão útil como necessário. Acostuma-te a repetir com frequência aquela petição cotidiana: Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. Mas dize-a de coração e não por costume. A vontade de Deus é a que hás de consultar em todos os teus empreendimentos; mas muitas vezes nos cega a paixão e quer que tenhamos por inspiração do céu o que não é senão efeito de nosso amor-próprio. Um contratempo, uma desgraça que vejamos em nosso próximo, uma ruína em sua fortuna, uma morte inopinada ou qualquer outro acidente costumamos atribuí-lo à sua falta de conduta, à sua pouca prudência; e parece-nos que em iguais circunstâncias nós teríamos procedido com mais juízo e prudência. Mas não advertimos que todos esses contratempos a que também estamos expostos são outros tantos avisos com que Deus quer repreender-nos de nós mesmos e fazer-nos conhecer a vaidade das coisas da terra para que só suspiremos pelo céu. Quantas vezes, em meio a uma grave enfermidade, terás feito mil propósitos de mudar de vida, persuadido de que esse era um aviso de Deus para corrigir-te! E onde está agora o fruto de tão boas intenções? Estás, porventura, mais humilde, mais sofrido, mais mortificado? E, se uma e outra vez te fizeste surdo a tantos avisos, sabes se Deus voltará a chamar-te para que possas converter-te?

Revision #1
Created 20 November 2026 20:43:52 by Admin
Updated 20 November 2026 20:43:52 by Admin